

CORPO DE DELITO

Acordo ortográfico com caldo verde e fubá

“Senhor Rui, há outro nome para couve-lombarda?” A senhora fitou-me e esperou pela tradução



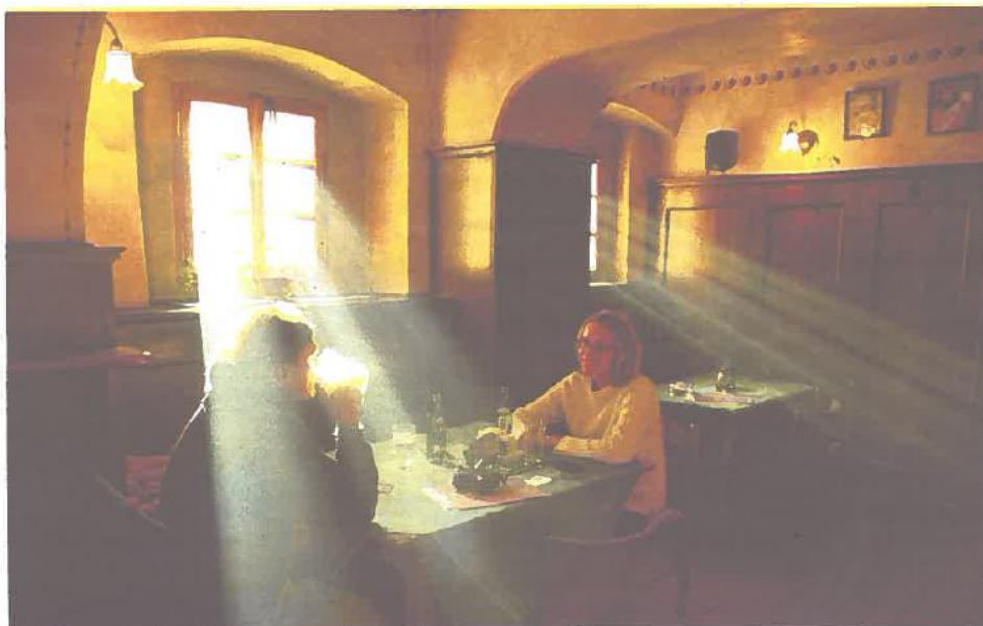
Rui Patrício

Gosto de bares de hotel. Aliás, já gostava antes de os frequentar, pelo menos desde as primeiras leituras de Greene e le Carré. Muita coisa se pode aí testemunhar e viver: alta e baixa política, bons e maus negócios, alianças e traições, temores e tremores, amores e desamores. E até por lá pode passar a questão do acordo ortográfico. Deste, não sei se gosto ou não, não lhe dei ainda muita atenção, para além de assistir ao jogo de argumentos entre defensores e detractores; ainda não assisti a um match point, nem nenhum dos lados me convenceu. Não por opinião, mas por pecaminosa preguiça, vou adiando a conversão a esse acordo, que é para alguns o Esperanto da lusofonia. É a estes que dedico as linhas que se seguem, testemunho de um episódio num bar de hotel. Et pour cause.

Precisava de fazer serão, e fui ao bar de um hotel próximo aconchegar o estômago. Sentei-me ao balcão. Numa mesa próxima, sentaram-se quatro brasileiros, mulheres e homens, já a dobrar o extremo sul da meia-idade. Pediram o cardápio, que lhes foi trazido depois de o empregado ter percebido, não sem alguma hesitação, que queriam a ementa. O empregado é um imigrante de um país árabe e fala um Português escorreito, ainda que com um sotaque patuço. Uma das senhoras chamou-o e perguntou-lhe o que era a sopa do dia, ao que ele respondeu que era de couve-lombarda. Ela ouviu, abriu um tudonada os olhos, e perguntou-lhe o que era isso. Ele retorquiu que era uma sopa de legumes, feita principalmente com couve. Ela disse-lhe: “Não entendo, não.” Ele olhou para mim, e disse: “Senhor Rui, há outro nome para couve-lombarda?” A senhora fitou-me e esperou pela tradução. E eu, pausadamente e articulando bem as sílabas, respondi: “Não, não conheço outro nome, couve-lombarda é uma espécie de couve, que se come muito em Portugal.” A senhora escutou atentamente e, como julgasse ter percebido, sorriu-me, entre satisfi-

ta e agradecida, e disse: “Ah, entendi, obrigado!” E, virando-se para os outros três comensais, disse, requebrando as vogais daquele jeito que só os brasileiros são capazes: “Olha, viu, é caldo verde.” Decidi desfazer o equívoco e, fazendo das vogais assunto sério, daquele jeito que só os portugueses são capazes, atirei-lhe: “Não, não é. A sopa de couve-lombarda é feita de outra forma, a couve é outra e é cortada de forma diferente, leva outras coisas e não é tão líquida.” Os olhos dela iluminaram-se, de satisfação e gratidão, e disse: “Ah, agora estou entendendo, é uma sopa espessa, que tem fubá. Não é, não?” Olhei para o empregado, ele olhou para mim, e nos olhares de ambos ia a súplica de que fosse o outro a desapontá-la. Avancei eu, daquela forma quase a pedir desculpa que os portugueses muitas vezes põem quando falam com estrangeiros: “Não, não leva fubá.” E, enquanto observava o olhar dela a perder a iluminação e a ganhar perplexidade, disse para os meus botões: “Não leva fubá, mas podia levar, só que já não seria sopa de couve-lombarda.”

Advogado. Escreve ao sábado



Brasileiros e portugueses, por vezes, separados por uma língua comum

GETTY IMAGES